



SISTEMA DE TREINO INTENSIVO

**2^a PARTE
DAR SESSÕES**

B - CURSO SOBRE RUDIMENTOS 1



CURSO DE DAR SESSÕES

Este curso fornece os dados essenciais teóricos e práticos sobre a audição e tem como produto um auditor que seja capaz, no mínimo, de dar sessões constituídas por rudimentos e processos básicos.

É constituído pelas seguintes partes:

A – Curso de Aclaramento de Palavras 1	Volume 1
B – Curso de Rudimentos 1	Volume 2

REQUISITOS: STI 1

CERTIFICADO: AUTORIZAÇÃO PARA DAR SESSÕES.

Conteúdo

B - CURSO SOBRE RUDIMENTOS 1 - Checksheet	3
0 HAVINGNESS, DESCOBRIR E PERCORRER O PROCESSO DE HAVINGNESS DO PRECLARO	5
PROCESSOS DE HAVINGNESS. TRINTA E SEIS NOVAS PRÉ-SESSÕES	7
Os Ruds - Definição e Padrão	13
LIMPANDO RUDIMENTOS	18
RESOLVENDO WITHHOLDS FALHADOS	20
A SESSÃO MODELO	21
DROGAS, ASPIRINA E TRANQUILIZANTES	23

Knights of Eternity-Lisboa

Emissão em Português

© Gal-Al 1997 1ª Emissão



SISTEMA DE TREINO INTENSIVO

2^a PARTE DAR SESSÕES

(Pré-requisito: STI 1)

NOME: _____ DATA INÍCIO: _____

B - CURSO SOBRE RUDIMENTOS 1 - Checksheet

(Pré-requisito: Secção A)

NOME: _____ DATA INÍCIO: _____

Lista de Acções:

1 - [B 7/8/78](#) - Como encontrar e auditar o processo de Havingness do Pc _____

1^a - [B 6/10/60R](#) - PROCESSOS DE HAVINGNESS.
TRINTA E SEIS NOVAS PRÉ-SESSÕES _____

1a - Demo: a) A última definição de Havingness _____
b) Ausência de Havingness _____

1b - Exercício: Encontre e audite um processo
de Havingness _____

2 - [B 11/8/78 I](#) - Os Ruds - Definição e Padrão _____

2a - Demo: a) Uma ruptura de ARC _____
b) Um problema no Tempo Presente _____
c) Uma retenção falhada _____
d) Um pc que está "em sessão" _____

2b - Exercício: Ocupe-se de cada um dos rudimentos, indo anterior
e semelhante com cada um, apanhando situações diferentes
até que o estudante possa facilmente resolver tudo o que surja _____

3 - [B 15/8/69](#) – Limpando Rudimentos _____

4 - [B 6/6/84 III](#) - Resolvendo Withholds Falhados _____

5 - [B 11/8/78 II](#) - A Sessão Modelo _____

5a - Exercício: Audite uma sessão modelo do início até ao fim com
a ajuda do processo "Os pássaros voam?" _____



5b - Audita uma sessão de ruds _____

6 – B 17/10/69RB – Drogas, Aspirinas e Tranquilizantes _____

**Declaro compreender e saber aplicar tudo o que aprendi ao longo deste programa,
esclareci todas as incompreensões e treinei as acções até à perfeição.**

O Estudante

Este Estudante tem autorização para DAR SESSÕES

O Supervisor

Data



B 7/8/78

O HAVINGNESS, DESCOBRIR E PERCORRER O PROCESSO DE HAVINGNESS DO PRECLARO

Nota: Este boletim não é, de nenhum modo, um resumo completo do assunto de havingness. Existe uma ampla gama de materiais sobre havingness e sobre a sua reparação em publicações anteriores e outros boletins que podem ser encontrados nos Volumes Técnicos, dados que o estudante irá adquirindo à medida que se continua a treinar nos níveis e no SHSBC.

Este boletim destina-se a dar, ao auditor principiante, conhecimentos funcionais sobre o havingness.

"HAVINGNESS: 1) Aquilo que permite a experiência da massa e da pressão. 2) A sensação de que se detém ou possui. 3) Pode ser simplesmente definido como ARC com o ambiente...6) A capacidade de se duplicar aquilo que se percepciona, ou a disposição para criar um seu duplicado....8) Havingness é o conceito de ser capaz de alcançar ou de não ser impedido de alcançar...4) Aquela actividade que é executada quando necessário e quando não distrair violentamente a atenção do preclaro. "

(Retirado do Dicionário Técnico)

Isto tudo é válido, mas a definição final de havingness pode ser simplesmente descrita como:

HAVINGNESS É O CONCEITO DE SER CAPAZ DE ALCANÇAR. NÃO-HAVINGNESS É O CONCEITO DE NÃO SER CAPAZ DE ALCANÇAR.

A disposição e capacidade de duplicar é inerente à capacidade para alcançar. O que faz a comunicação funcionar nos processos, é a faceta de duplicação da fórmula de comunicação. (Axioma 28 Emendado)

A posição de um ser na Escala de Tom, é determinada pela sua capacidade para alcançar (e, deste modo, pela sua disposição e capacidade para duplicar, para comunicar e para ter experiência). Quanto mais baixo o tom do ser, menos disposição ele terá para alcançar, para ter a experiência e para comunicar com o seu ambiente presente e tanto menos vontade ele terá para alcançar e duplicar acontecimentos do passado ou permitir que eles sucedam de novo.

Isto é corrigido com os Processos Objectivos de Havingness. Trata-se de processos que constam em observar e tocar em objectos na sala de audição ou no ambiente. São processos do tipo "olhar à volta" ou de contacto físico, usados para corrigir uma condição de baixa ou nenhuma havingness.

Encontra-se, deste modo, o Processo de Havingness do preclaro, no início da audição e este é usado para ganhar ou reparar a havingness do preclaro antes ou depois de processos ou no final das sessões.

DESCOBRINDO E PERCORRENDO O PROCESSO DE HAVINGNESS DO PRECLARO

O Processo de Havingness do preclaro é testado no E-Metro de uma maneira exacta, através da agulha, com um aperto de latas do preclaro.

Utiliza o B 6 de Outubro de 1960R, "Trinta e Seis novas Pré-Sessões."

1. Prepara a sensibilidade para uma queda de 1/3 do mostrador quando o preclaro aperta as latas. (Vê o Exercício de E-Metro 5)
- 2: Percorre 5 a 8 comandos do primeiro Processo de Havingness do boletim citado, com o preclaro ao E-Metro.
3. Pede então ao preclaro para apertar as latas e anota o tamanho da queda da agulha. Se o segundo aperto das latas mostrar a agulha mais solta (dança mais amplamente) do que no primeiro, então já o achaste. O Processo de Havingness que testaste é o do preclaro e pode ser usado para reparar a sua havingness quando necessário.



4. Se o processo aperta a agulha durante o teste, não o uses. Nem sequer faças a ponte dele para outro. Sai simplesmente dele e testa o processo seguinte, depois o seguinte, continuando até encontrar um Processo de Havingness que solte realmente a agulha e dê um baloiço mais amplo. Será encontrado um entre os da lista de Processos de Havingness do B de 6 de Outubro de 60R.
5. O Processo de Havingness correcto é, então, percorrido 10 ou 12 comandos de cada vez, normalmente antes de terminar a sessão.

O Processo de Havingness de um preclaro pode mudar à medida que o preclaro muda com a audição. Se, nalgum ponto da audição, o Processo de Havingness que tem estado a ser usado não conseguir obter o resultado desejado, volta simplesmente a testar um novo Processo de Havingness, encontra um que funcione e usa-o.

Mesmo o Processo de Havingness correcto, se fôr usado demasiado de cada vez (mais do que 10 ou 20 comandos), começará a tratar do banco. Não prejudica o preclaro mas não é esse o seu uso, visto haver outros processos que melhor tratam do banco.

O objectivo de um Processo de Havingness é estabilizar o preclaro no seu ambiente.

L.R.H.



B 6.10.60R

PROCESSOS DE HAVINGNESS. TRINTA E SEIS NOVAS PRÉ-SESSÕES

O Material que se segue foi desenvolvido para o 1º Curso Clínico Avançado de Saint Hill. Quase todos os casos deste ACC estavam bem avançados na direcção de Clear, 25 deles tinham começado pela primeira vez. Estas novas pré-sessões foram empregadas. Dois dos casos começaram com comunicação nos dois sentidos sobre ajuda mal sucedida, após o que algumas das pré-sessões abaixo mencionadas funcionaram.

NOTA: Estas pré-sessões estão sujeitas a revisão após as voltar a estudar. Os seus números não serão mudados. Provavelmente mudarei alguns dos processos e comandos. Eles aparecem aqui exactamente como foram desenvolvidos e na ordem do seu desenvolvimento, não da sua funcionalidade.

NOTA: A ajuda de Dick e Jan. Halpern, Instrutores de ACC, é gratamente reconhecida pelas discussões e teste destas pré-sessões.

NOTA: A Pré-sessão 1 pode ser encontrada no B 25 Ago. 60 e não faz realmente parte desta série, não sendo uma Pré-sessão de confronto de havingness.

PRÉ-SESSÃO II:

Havingness: "Olha aqui à volta e descobre alguma coisa que poderias ter."

Confronto: "O que poderias confrontar?" "O que preferirias não confrontar?"

PRÉ-SESSÃO III:

Havingness: "Aponta alguma coisa nesta sala que poderias confrontar."

"Aponta alguma coisa nesta sala que preferirias não confrontar."

Confronto: "Qual é a coisa não confrontável que poderias apresentar?"

PRÉ-SESSÃO IV:

Havingness: "Que parte de uma beingness aqui à volta poderias ter?"

Confronto: "Que beingness poderiam outros não confrontar?"

PRÉ-SESSÃO V:

Havingness: "Aponta alguma coisa nesta sala que poderias confrontar."

"Aponta alguma coisa nesta sala que preferirias não confrontar."

Confronto: "Aponta um lugar onde não estás a ser confrontado(a)."

PRÉ-SESSÃO VI:

Havingness: "Olha aqui à volta e aponta um efeito que poderias impedir."

Confronto: "O que deteria outro?" "Onde o colocarias?"

PRÉ-SESSÃO VII:



Havingness: "Aponta alguma coisa."

Confronto: "Diz-me alguma coisa que eu não te estou a fazer."

PRÉ-SESSÃO VIII:

Havingness: "Onde está o(a) (objecto da sala)?"

Confronto: "Recorda alguma coisa realmente real para ti."

"Recorda uma ocasião em que gostavas de alguma coisa."

"Recorda uma ocasião em que comunicaste com alguma coisa."

PRÉ-SESSÃO IX:

Havingness: "Olha aqui à volta e descobre um objecto dentro do qual não estás."

Confronto: "Recorda alguém que foi real para ti."

"Recorda alguém de quem realmente gostavas."

"Recorda alguém com quem realmente podias comunicar."

PRÉ-SESSÃO X:

Havingness: "Olha aqui à volta e descobre alguma coisa que poderias ter."

Confronto: "Que beingness poderias confrontar?"

"Que beingness preferirias não confrontar?"

PRÉ-SESSÃO XI:

Havingness: "Nota aquele(a) (objecto indicado)." (Sem acusar de recepção.)

"O que é que não estás a colocar nele?"

Confronto: "Diz-me alguma coisa que possas não estar a confrontar."

PRÉ-SESSÃO XII:

Havingness: "Olha aqui à volta e descobre alguma coisa com a qual podes concordar."

Confronto: "O que é compreensível?"

"O que é compreensão?"

PRÉ-SESSÃO XIII:

Havingness: "Olha aqui à volta e descobre alguma coisa que poderias ter."

"Olha aqui à volta e descobre alguma coisa que poderias ocultar."

Confronto: "O que fizeste?"

"O que ocultaste?"

PRÉ-SESSÃO XIV:

Havingness: "Nota aquele(a) (objecto da sala). Concede a ideia de o fazeres estar ligado contigo."



Confronto: (Pergunta primeiro: "Existe qualquer coisa aqui à volta que esteja absolutamente imóvel?" Se a resposta for afirmativa, continua. Se não, usa outra Pré-sessão.) "Olha aqui à volta e descobre alguma coisa que poderias parar," (até mudar o padrão da agulha ou o tone arm) depois: "Olha aqui à volta e descobre alguma coisa que poderias começar," (até mudar o padrão da agulha ou o tone arm) depois, quando nenhum dos comandos altera mais o padrão da agulha ou o tone arm, usa 5 ou 6 comandos de "Olha aqui à volta e descobre alguma coisa que poderias mudar." Depois volta ao "parar".

PRÉ-SESSÃO XV:

Havingness: "Olha aqui à volta e descobre alguma coisa que poderias ocultar."

Confronto: "O que preferirias não duplicar?"

PRÉ-SESSÃO XVI:

Havingness: "Aponta alguma coisa aqui à volta que seja como outra coisa."

Confronto: "O que é alguma coisa?"

"O que faz sentido?"

PRÉ-SESSÃO XVII:

Havingness: "Onde não está aquele[a] (objecto indicado)?"

Confronto: "Que pensamento maldoso ocultaste?"

PRÉ-SESSÃO XVIII:

Havingness: "O que mais é aquele[a] (objecto indicado)?"

Confronto: "O que tornaria todas as coisas no mesmo?"

PRÉ-SESSÃO XIX:

Havingness: "Qual é a emoção daquele[a] (objecto indicado)?"

Confronto: "Que intenção falhou?"

PRÉ-SESSÃO XX:

Havingness: "O que é que aquele[a] (objecto indicado) não está a duplicar?"

Confronto: "Que dois pensamentos não são o mesmo?"

PRÉ-SESSÃO XXI:

Havingness: "De que cena aquele[a] (objecto indicado) poderia fazer parte?"

Confronto: "Que beingness do passado melhor te serviria?"

"Que coisa do passado melhor te serviria?"

PRÉ-SESSÃO XXII:

Havingness: "Duplica alguma coisa."



Confronto: "O que seria uma traição?"

PRÉ-SESSÃO XXIII:

Havingness: "Qual é a condição daquele[a] (objecto indicado)?"

Confronto: "Descreve um caso mau."

PRÉ-SESSÃO XXIV:

Havingness: "Qual é a condição daquela pessoa?"

Confronto: "O que é um objecto mau?"

PRÉ-SESSÃO XXV:

Havingness: "Nota aquele corpo." "O que não estás a colocar nele?"

Confronto: "Que beingness estaria bem confrontares?"

PRÉ-SESSÃO XXVI:

Havingness: "De que actividade má aquele[a] (objecto indicado) não faz parte?"

Confronto: "Como não duplicarias uma pessoa má?"

"Como não duplicarias uma coisa má?"

PRÉ-SESSÃO XXVII:

Havingness: "Onde deveria aquela parede estar localizada de modo a que não tivesses que restringi-la?"

Confronto: "Descreve um ambiente desagradável."

PRÉ-SESSÃO XXVIII:

Havingness: (a) "O que, aqui à volta, permitirias ser duplicado?" ou
(b) "Qual é a coisa mais segura nesta sala?"

Confronto: "Descreva uma remoção."

PRÉ-SESSÃO XXIX:

Havingness: "Para quem aquele[a] (objecto indicado) seria um bom exemplo?"

Confronto: "Para o que é que aquela pessoa seria um bom exemplo?"

PRÉ-SESSÃO XXX:

Havingness: "O que terias que fazer àquele[a] (objecto indicado) para o teres?"

Confronto: "Detecta uma mudança na tua vida."

PRÉ-SESSÃO XXXI:



Havingness: (O Auditor segura dois objectos pequenos, um em cada mão. Expõe-nos alternadamente ao Pc, com o mínimo possível de movimento de braços e mãos.)
 "Olha para isto." (Sem acusar de recepção.)
 "O que é que, aqui à volta, isto não está a duplicar?"

PRÉ-SESSÃO XXXII:

Havingness: "Como poderias deter um[a]?"
 "O que não deste a um[a]?"
 Confronto: "O que poderias possuir?"
 "O que negaste possuir?"
 (Para limpar audição ou instrução de Cientologia, percorre sobre "Auditor", "Pc", "instrutores", "estudante", conforme indicado.
 "O que um possuiria?"
 "O que um não possuiria?"

PRÉ-SESSÃO XXXIII:

(Esta é usada como uma "pós-sessão" para clarificar um intensivo no final.)
 Havingness: Qualquer havingness que corra melhor no Pc, como comando de havingness.
 Confronto: "O que fizeste nesta sala?"
 "O que ocultaste nesta sala?"
 (Para limpar toda a audição, usa "uma sala de audição".)

PRÉ-SESSÃO XXXIV:

Havingness: O que quer que o Pc percorra melhor, como comando de havingness.
 Confronto: "Quem oprimiste?"
 "Quem não oprimiste?"

PRÉ-SESSÃO XXXV:

Havingness: "Nota aquele[a] (objecto da sala indicado)." "Como poderias levá-lo a ajudar-te?"
 Confronto: "Quem falhaste em ajudar?"
 (Isto vai pescar um caso que está lá no fundo com quebras de ARC. Corrige alter-isness.)

PRÉ-SESSÃO XXXVI:

Havingness: "Nota aquele[a] (objecto da sala)." "Como poderias falhar em ajudá-lo[a]?"
 Confronto: "Pensa numa vítima."



3 Versões dos Comandos do Regime 6 de O/W:

1. "Concebe a ideia de fazer alguma coisa a _____" *

"Concebe a ideia de ocultar alguma coisa de _____"*

2. "O que fizeste a _____?!"*

"O que ocultaste de _____?!"*

3. "Concebe a ideia de teres feito alguma coisa a _____"*

"Concebe a ideia de ter feito withhold de alguma coisa de _____"*

*- Terminal obtido num assessment sobre a 6ª Dinâmica.

(O número 3 percorre os arrependimentos.)

L. R. H.



B 11/8/78 I

Os Ruds - Definição e Padrão

(NOTA: Este boletim de nenhum modo resume toda a informação que há a saber sobre quebras de ARC, PTPs, withdraws falhados ou sobre a resolução de rudimentos.

Existe toda uma quantidade de tecnologia e informação ao longo dos Volumes Técnicos e dos livros de Cientologia de que o auditor estudante vai necessitar à medida que progride nos níveis.)

Um rudimento é aquilo que é usado para pôr em forma o preclaro para ser auditado nessa sessão.

A fim de que a audição tenha, de algum modo, lugar, o preclaro tem de estar em sessão o que significa:

1. Disposto a falar com o auditor.
2. Interessado no seu próprio caso.

É só isto que queres obter com os rudimentos. Queres preparar o caso para ser auditado, não queres usar os rudimentos para auditares o caso.

As Quebras de ARC, os problemas de tempo presente e os withdraws impedem que a sessão ocorra. É da técnica elementar de audição saber que auditar sobre uma quebra de ARC pode fazer baixar o gráfico de uma pessoa, prendê-lo às sessões ou piorar o caso e que, na presença de PTPs, Overts e withdraws falhados (um overt encoberto reestimulado) nenhum ganho pode ocorrer. São, portanto, estes os rudimentos com que mais nos preocupamos no início de uma sessão, de modo a que possa ocorrer audição com resultados.

OBTER A F/N

Se conheces a estrutura do banco, sabes que é necessário encontrar um item anterior se algo não se liberta.

Se um rud não tem F/N, então existe um Lock anterior (ou vários) que o está a impedir de ter F/N.

Temos assim esta regra e procedimento:

SE UM RUD LÊ, LEVA-O SEMPRE A OUTRO ANTERIOR SEMELHANTE ATÉ QUE TENHA F/N.

A pergunta usada é:

"Existe (uma quebra de ARC) ou (um problema) ou (um withhold falhado) anterior e semelhante?"

Se no início de uma sessão os rudimentos estiverem dentro (a agulha está a flutuar e o preclaro tem VGIs), o Auditor vai directamente para a acção principal da sessão. Se não, o Auditor tem de limpar um rud ou os ruds, de acordo com o que for mandado fazer pelo Supervisor de Caso.

QUEBRAS DE ARC

ARC: Uma palavra formada a partir das letras iniciais de Afinidade, Realidade e Comunicação que juntas são iguais a Compreensão.

QUEBRA DE ARC: Uma queda ou corte súbito da afinidade, realidade, comunicação ou compreensão da pessoa para com alguém ou algo. Perturbações com pessoas ou coisas surgem quando há uma redução ou rompimento na afinidade, realidade, comunicação ou compreensão.



Embora a regra do anterior semelhante se aplique totalmente às quebras de ARC, há uma acção adicional que é feita na limpeza de quebras de ARC e que permite ao preclaro detectar exactamente o que sucedeu e que originou a perturbação.

Uma quebra de ARC é assim chamada - uma "quebra de A-R-C" - em vez de uma perturbação porque, se a pessoa descobrir qual dos três pontos da compreensão foi cortado, pode-se obter uma rápida recuperação no estado de espírito da pessoa.

Nunca audites por cima de uma quebra de ARC e nunca audites a própria quebra de ARC. Ela não consegue ser auditada. Mas pode ser sujeita a um assessment a fim de localizar em qual dos elementos básicos do ARC está a carga.

Assim, para resolveres uma quebra de ARC, fazes o assessment de afinidade, realidade, comunicação e compreensão a fim de descobrires em qual destes pontos ocorreu a quebra.

Tendo-o determinado, fazes agora o assessment do item encontrado (A, R, C ou U - Understanding = Compreensão) junto com a Escala CDEI Expandida (curiosidade, desejada, imposta, inibida, nenhuma e recusada).

Com este assessment a verdadeira carga by-passed pode ser localizada e indicada ainda com mais exactidão, permitindo assim ao preclaro fazê-la voar.

O assessment é feito em cada quebra de ARC, à medida que segues as anteriores semelhantes, até que o rudimento esteja limpo com F/N e VGIs.

A primeira pergunta de rudimentos é:

1. "Tens uma quebra de ARC?"
2. Se existir, obtém resumidamente os dados sobre ela.
3. Descobre, com um assessment, em que ponto ocorreu a quebra:

"Isso foi uma quebra em Afinidade?

Realidade?
Comunicação?
Compreensão?

Fazes o assessment uma vez e obténs a leitura (ou a leitura maior) que, por exemplo, foi em comunicação.

4. Verifica-a com o preclaro: "Foi uma quebra em (comunicação)?" Se ele disser que não, volta a manejá-la. Se disser que sim, deixa-o falar-te sobre isso se assim o desejar. Depois dá-lha, indicando-a: "Gostaria de indicar que foi uma quebra em comunicação."

CONTANTO QUE TENHA SIDO APANHADO O ITEM CORRECTO, o preclaro vai-se animar, mesmo que só um pouco, no primeiro dos assessments.

NOTA: No passo 4 o preclaro pode originar, por exemplo: "Sim, acho que foi em comunicação mas, para mim, tratou-se mais de uma quebra em realidade." O Auditor sensato, acusaria a recepção e indicaria que tinha sido uma quebra em "realidade".

5. Apanhando o item encontrado no passo 4, faz o seu assessment em conjunto com a Escala CDEI:

"Foi:

<u>(comunicação)</u>	Curiosidade sobre	<u>(comunicação)?</u>
"	Desejada?	
"	Imposta?	
"	Inibida?	
"	Nenhuma	" ?
"	Recusada?"	

6. Tal como nos passos 3 e 4, faz o assessment uma vez, obtém o item e verifica-o com o preclaro:

"Foi comunicação (desejada)?"



Se não foi, volta a manejá-la. Se foi, indica-o.

7. Se não houver F/N neste ponto, segue-a para uma anterior com a pergunta:
"Há uma quebra de ARC anterior e semelhante?"
8. Obtém a quebra de ARC anterior semelhante, o ponto ARCU, o CDEINR e indica. Se não houver F/N, repete o Passo 7, continua a pedir uma anterior usando sempre o ARCU CDEINR, até teres uma F/N.

Quando tiveres a F/N e os VGIs, acabou-se.

PROBLEMA DE TEMPO PRESENTE

PROBLEMA: Um conflito surgindo a partir de duas intenções opostas. Trata-se de uma coisa contra outra. Uma intenção contra outra intenção que preocupa o preclaro.

PROBLEMA DE TEMPO PRESENTE:....Um problema especial que existe no universo físico agora e no qual o preclaro tem a atenção fixa.

....Qualquer conjunto de circunstâncias que prende de tal maneira a atenção do preclaro, que ele sente que deveria estar a resolvê-lo em vez de estar a ser auditado.

Ocorre uma violação de "em sessão" quando a atenção do preclaro está fixa numa preocupação que está "agora mesmo" no universo físico. A atenção do preclaro está "lá" e não no seu caso. Se o auditor passar por cima disso e não resolver o PTP, então o preclaro nunca estará em sessão, começa a ficar agitado, tem uma quebra de ARC. E não serão obtidos resultados pois o preclaro não está em sessão.

A segunda pergunta de rudimentos é:

1. "Tens um problema de tempo presente?"
2. Se houver um, faz com que o preclaro te conte.
3. Se não houver F/N, leva-o a um anterior com a pergunta:
"Há um problema anterior e semelhante?"
4. Obtém o problema anterior e, se não houver F/N, segue-o até um anterior semelhante, e outro e outro até F/N.

WITHHOLD FALHADO

ACTO OVERT: Um acto nocivo cometido intencionalmente num esforço para resolver um problema.

... Uma não acção ou uma acção que faz o menor bem ao menor número de dinâmicas ou o maior prejuízo ao maior número de dinâmicas.

Aquilo que fazes e que não tens vontade que te aconteça a ti.

WITHHOLD: Um acto nocivo (contra a sobrevivência) encoberto. Algo que o preclaro fez e de que não está a falar.

WITHHOLD FALHADO: Um acto nocivo encoberto que foi reestimulado por outra pessoa mas não descoberto. Trata-se de um withhold que outra pessoa quase descobriu, deixando aquele que tem o withhold num estado de dúvida sobre se o seu acto oculto é ou não conhecido.

Um preclaro com um withhold falhado não estará honestamente "disposto a falar ao auditor" e, portanto, não estará em sessão até que o withhold falhado tenha sido arrancado.

Falhar um withhold ou não obter o seu todo é a única fonte de quebras de ARC. Um withhold falhado é detectado por um dos seguintes factos:

- preclaro não tendo progressos;
- preclaro a criticar o auditor, zangado ou a dizer mal dele;



preclaro recusando-se a falar com o auditor;
 preclaro sem vontade de ser auditado;
 preclaro a dormitar, exausto, nebuloso no final da sessão;
 havingness em baixo;
 preclaro a dizer que o auditor não é bom, exigindo reparação dos erros;
 preclaro crítico da Cientologia, das organizações ou das pessoas da Cientologia;
 falta de resultados de audição;
 fracassos em disseminação.

(Ref.: B 3 Maio 62, "Quebras de ARC, Withholds Falhados")

O auditor não pode passar por cima de qualquer manifestação de um withhold falhado.

Portanto, se o preclaro tiver um withhold falhado, obtém o que ele é, tudo o que ele é, usando o sistema descrito abaixo e usa o mesmo sistema em cada withhold falhado anterior semelhante até obteres a F/N.

A terceira pergunta de rudimentos é:

1. "Há um withhold que foi falhado?"
2. Se obtiveres um withhold falhado, descobre:
 - (a) O que era o withhold?
 - (b) Quando foi
 - (c) É tudo sobre o withhold?
 - (d) **QUEM** o falhou (deixou escapar)?
 - (e) O que é que ele (ou ela) fez que te deixou na dúvida se sabia ou não?
 - (f) Quem mais o falhou? Repete (e).

Obtém outro e outro que o tenha falhado, usando o botão reprimido sempre que necessário, repetindo o passo (e).

3. Limpa-o até F/N ou, se não der F/N, leva-o a anterior semelhante com a pergunta:
 "Há um withhold falhado anterior e semelhante?"
4. Trata cada withhold falhado anterior e semelhante que obtiveres com o passo 2 até teres uma F/N.

REPRIMIDO

Se um rudimento não der leitura nem F/N, introduz o botão reprimido, usando:

"Na pergunta 'Tens uma quebra de ARC?' alguma coisa foi reprimida?"

Se der leitura, apanha-o e pergunta ARCU CDEINR, anterior semelhante, etc.

Usa reprimido do mesmo modo para PTPs e withholds falhados que não leiam.

FALSO

Se o preclaro protestar, fizer comentários ou parecer espantado, introduz o botão de Falso. A pergunta a usar é:

"Alguém disse que tinhas um(a) _____ quando não tinhas?" Obtém quem, como foi, quando e leva-o, se necessário, a um anterior até F/N.



FENÓMENOS FINAIS

Nos rudimentos, quando obténs a tua F/N e a carga se afastou, indica-o. Não empurres o preclaro para algum outro tipo de "EP" (End Phenomena = Fenómenos Finais).

Quando o preclaro tem F/N com VGIs, acabou-se.

TA ALTO OU BAIXO

Nunca tentes limpar ruds com um TA alto ou baixo.

Quando, o Auditor de Dianética ou Cientologia até Classe II, vê um TA alto ou baixo no início da sessão, não a começa mas devolve sim a pasta ao Supervisor de Caso para que um Auditor de classe mais elevada o resolva. O Supervisor de Caso mandará que a lista de correcção necessária seja feita por um Auditor Classe III ou acima.

REFERÊNCIAS:

B 15 de Agosto de 69	Limpando Ruds
B 13 de Outubro de 59	Escala Expandida DEI
B 18 de Setembro de 67	Escalas
B 7 de Setembro de 64 II	Todos os Níveis, PTPs, Overts e Quebras de ARC
B 12 de Fevereiro de 62	Como Limpar Withholds e Withholds Falhados.
B 31 de Março de 60	O Problema de Tempo Presente
B 14 de Março de 71R	Leva Tudo Até F/N
B 23 de Agosto de 71	Séries do C/S 1, Direitos do Auditor
B 21 de Março de 74	Fenómenos Finais
B 22 de Fevereiro de 62	Withholds, Falhados e Parciais
B 3 de Maio de 62	Quebras de ARC, Withholds Falhados

Estes boletins dão mais informações sobre os rudimentos, quebras de ARC, PTPs e withholds falhados. Nota, contudo, que esta não é uma lista completa de referências sobre este assunto. Existem muito mais informações nos Volumes Técnicos.

L.R.H.



B 15 Ago. 69

LIMPANDO RUDIMENTOS

A fim de clarificar como se limpam rudimentos:

Se um rud (rudimento) lê, obténs os dados e depois pedes um anterior até obteres uma F/N.

Se um rud não lê, introduzes-lhe o Reprimido e voltas a verificar. Se desencadeia algum comentário, crítica, protesto ou espanto, introduzes o Falso e limpa-lo.

Para impares todos os ruds pedes uma Q. ARC e, se não ler, pões o Reprimido. Se ler obtém-na, fazes ARCU CDEINR, ARCU CDEINR anterior, até obteres uma F/N. Depois fazes o mesmo com PTP e, depois, com MW/Hs.

Se, quando inicias um rud, ele não lê nem tem F/N, mesmo que o Reprimido seja introduzido, avança para o rud seguinte até obteres um que leia mesmo.

Depois, obtém F/N nos 2 que não tinham lido.

INCORRECTO

Obter um rud com leitura, pondo-se ou não o Reprimido e, depois, não o seguir até anterior e continuar a chamá-lo, apanhando só leituras, é incorrecto.

CORRECTO

Se um Rud lê, segue-o sempre até um anterior até F/N.

Não continues a testá-lo com o E-Metro e NÃO o abandonas só porque já não lê de novo.

Se um rud lê, limpa-o indo a anterior, anterior, anterior até F/N.

Se um rud lê e a leitura é falsa, limpa o falso.

Existem DUAS acções possíveis quando se limpam ruds:

- O rud não está sujo. Se não deu leitura, verifica com Reprimido. Se leu mas é de algum modo protestado, limpa falso.

IMPRESSO VERDE

Isto também se aplica à limpeza de ruds no Impresso Verde.

QUEBRA DE ARC

Se houver uma Quebra de ARC, obtém-na, usa ARCU e CDEI, indica-o, depois, se não houver F/N, segue-o até anterior, obtém ARCU CDEINR, indica-o, se não houver F/N obtém um anterior e continua, sempre com ARCU CDEINR até obteres uma F/N.

PTP

Se obtiveres um PTP segue-o até um anterior, outro anterior e outro até obteres uma F/N.



WITHHOLD FALHADO

Se obtiveres um withhold, descobre QUEM o falhou, depois outro e outro usando Reprimido. Se houver protesto, introduz falso. Vais descobrir que estes W/Hs também têm anteriores como qualquer outra cadeia, mas não têm de o fazer.

MISTURANDO MÉTODOS

Se obténs uma leitura num rud e o preclaro te dá um, não verificas de novo a leitura. Obténs mais até teres uma F/N.

Obter resposta a um rud e depois verificar reprimido e leituras é misturar 1 e 2 atrás.

FALSO

Alguém disse que tinhas um(a).....quando não tinhas?" é a resposta a protestos em ruds.

Qualquer Classe VIII deve ser capaz de limpar qualquer rud. Isto clarifica dados nos boletins e gravações sobre este assunto.

L.R.H.



B 6 Jun. 84 III

RESOLVENDO WITHHOLDS FALHADOS

Faz parte do procedimento standard de qualquer auditor que esteja a limpar withhold falhados, quer como rudimento quer em verificações de segurança, obter "quem quase o descobriu" (as pessoas que quase descobriram o withhold) e o que cada uma delas fez para deixar o preclaro na dúvida se elas saberiam ou não.

No entanto, o rudimento faz, por vezes, key-out e tem F/N antes que o auditor chegue ao passo "quem quase o descobriu".

A F/N, é claro, é indicada. Mas, de seguida, o auditor deve continuar e perguntar quem quase descobriu o withhold e o que é que a pessoa fez para deixar o preclaro na dúvida.

Este modo de actuar pode alargar consideravelmente a F/N e limpar o withhold falhado de forma completa.

L.R.H.



B 11/8/78 II

A SESSÃO MODELO

1. Preparação da Sessão

Antes da sessão, o auditor tem de se assegurar que tudo está pronto a fim de garantir uma sessão suave, sem interrupções nem distrações.

Utiliza o B de 4 de Dezembro de 77, "Lista de Verificação para Preparar Sessões e Ajustar um E-Metro.", verificando cada ponto da lista.

O preclaro está sentado na cadeira que ficar mais longe da porta. Desde a altura em que se lhe pede para apanhar as "latas" até ao final da sessão, ele permanecerá conectado ao E-Metro.

Quando se estabelecer que não há nenhuma razão para não iniciar a sessão, o Auditor começa-a.

2. Começo da Sessão.

O Auditor diz: "Começo da Sessão." (Tom 40)

Se a agulha estiver a flutuar e o preclaro com VGIs, o Auditor vai directo para a acção principal da sessão. Se assim não for, tem de limpar um rud.

3. Rudimentos

Os rudimentos são limpos de acordo com o B de 11 de Agosto de 78, I, "Rudimentos, Definições e Fraseado."

(Se o TA estiver alto ou baixo no início da sessão ou se o Auditor não conseguir limpar um rud, ele acaba a sessão e envia a pasta para o C/S. Um Auditor de Classe IV (ou acima) pode fazer um Impresso Verde ou outra lista de correcção.

Quando o preclaro tem uma F/N e VGIs, o auditor avança para a acção principal da sessão.

4. Acção Principal da Sessão

- a) Factor-R ao preclaro. O Auditor informa o preclaro sobre o que vai ser feito na sessão: "Agora vamos tratar de _____."
- b) Clarificar comandos. Os comandos do processo são clarificados de acordo com o B de 9 de Agosto de 1978, II, "Clarificando Comandos."
- c) O processo. O Auditor percorre o processo ou completa as instruções do C/S para a sessão até aos fenómenos finais.

Em Dianética os fenómenos finais seriam: F/N, apagamento da cadeia, cognição, postulado (se não tiver sido dito junto com a cognição) e VGIs.

Nos processos de Cientologia, os fenómenos finais são: F/N, cognição, VGIs. Os Processos de Power têm o seu próprio EP.

5. Havingness

Quando o havingness for indicado ou estiver incluído nas instruções do C/S, o Auditor faz aproximadamente 10 a 12 comandos do Processo de Havingness do preclaro até este estar animado, com F/N e em Tempo Presente. (Nota: O Havingness nunca é auditado para esconder ou encobrir o



facto de não se ter conseguido F/N no processo principal ou numa pergunta de audição ou de confessional.)

(Ref.: B de 7 de Agosto de 78, "Havingness, Descobrindo e Percorrendo o Processo de Havingness do Preclaro.")

6. Final da Sessão.

- a) Quando o Auditor estiver pronto para terminar a sessão, dá ao preclaro um Factor-R de que vai acabar a sessão.
- b) Então, ele pergunta:
"Há alguma coisa que queiras dizer ou perguntar antes de eu terminar a sessão?"
O preclaro responde.
O Auditor acusa a recepção e toma nota da resposta.
- c) Se o preclaro fizer uma pergunta, responde se puder ou acusa a recepção e diz:
"Vou tomar nota disso para o C/S."
- d) O Auditor termina a sessão com: "Fim da Sessão." (Tom 40)

(Nota: A frase "É tudo" é incorrecta para o fim em vista de terminar a sessão e não deve ser usada. A frase correcta é: "Fim da Sessão".)

Imediatamente após o fim da sessão, o Auditor ou um pagem leva o preclaro ao Examinador.

L.R.H.



HCOB 17 OUTUBRO 1969RB

Rev. 8 Abr. 88

DROGAS, ASPIRINA E TRANQUILIZANTES

Acabei de fazer uma descoberta sobre a acção dos analgésicos. (conhecidos como aspirina, tranquilizantes, hipnóticos, soporíferos).

Nunca se soube ao certo em química ou medicina como estas coisas funcionavam. Tais compostos derivaram das descobertas accidentais de que "tal e tal reduz a dor".

Os efeitos dos compostos existentes não dão resultados uniformes e têm muitas vezes efeitos secundários muito maus.

Como a razão porque funcionavam era desconhecida, muito pouco progresso foi feito na bioquímica. Se a razão porque eles funcionam fosse conhecida e aceite, possivelmente os químicos poderiam desenvolver algum que tivesse efeitos secundários mínimos.

Ponhamos de lado o facto disto poder ter sido a descoberta do século da bioquímica médica e deixemos os Prémios Nobel continuar a ir para os inventores de pingos para o nariz e de novas formas de matar e vamos simplesmente usá-la. A técnica bioquímica não está, até agora, à altura de ser usada.

A dor ou desconforto de natureza psicossomática vem de figuras de imagem mental. Estas são criadas pelo theta ou seres vivos e colidem ou estampam-se contra o corpo.

Por teste clínico real, as acções da aspirina e de outros supressores da dor são:

- A. INIBIR A CAPACIDADE DO THETAN PARA CRIAR FIGURAS DE IMAGEM MENTAL
- B. IMPEDIR A CONDUTIVIDADE ELÉCTRICA DOS CANAIS NERVOSOS.

Ambos os factos têm um efeito vital no processamento.

Se processarmos alguém que esteve recentemente em drogas, incluindo aspirina, não seremos capazes de devidamente escoar cadeias de engramas de Dianética porque não estão a ser completamente criados.

Se processarmos alguém que tenha ultimamente andado a tomar aspirina, por exemplo, provavelmente não seremos capazes de verificar os somáticos que precisam de ser escoados para manejar a condição. No dia seguinte a tomar aspirina ou outra droga as figuras de imagem mental podem não estar completamente disponíveis.

No caso dum tomada crónica de drogas, as drogas terão que ser totalmente eliminadas do sistema e os engramas das drogas têm que ser esgotados na íntegra, Fluxo Quad. Se isto não for feito, a audição ficará à procura de manejar cadeias que não estão a ser completamente criadas pelo theta.

No caso de auditarmos alguém que tenha tomado drogas, aspirina, etc., nas últimas horas ou nos últimos dois ou três dias, veremos que as cadeias de engramas não são completamente criadas e por isso indisponíveis.

Estaria tudo muito bem excepto três coisas:

1. A audição nestas condições é muito difícil. O TA pode estar alto e não desce. Obtemos "apagamentos" com o TA a 4,0 com "F/N". Erros de audição acontecem facilmente. O banco (cadeias) está obstruído.
2. O theta fica ESTÚPIDO, em branco, esquecido, ilusório, irresponsável. Um theta entra numa espécie de estado "encortiçado", insensível, incapaz e definitivamente não fiável, na verdade uma ameaça para o seu semelhante.



3. Quando as drogas são eliminadas ou começam a ser eliminadas, a capacidade para criar começa a voltar e LIGA SOMÁTICOS MUITO MAIS DUROS. Uma das respostas que a pessoa tem para isto é MAIS drogas. Para não falar na heroína, saibam que existem viciados em aspirina. A compulsão vem uma vez mais da necessidade de se verem livres de somáticos ou de sensações indesejáveis. Também está presente algo da dramatização de engramas vinda de tomadas anteriores de drogas. O ser fica cada vez mais encortiçado, precisando cada vez mais quantidade e mais frequentemente.

Sexualmente é comum que alguém que toma drogas fique ao princípio muito estimulado. Trata-se do impulso “procriar antes da morrer”, pois as drogas são venenos. Mas depois dos “coices” sexuais iniciais, o estímulo da sensação sexual torna-se cada vez mais difícil de alcançar. O esforço para o alcançar torna-se obsessivo enquanto que ele próprio é cada vez menos satisfatório.

O ciclo das drogas de restimulação de imagens (ou criação em geral) pode ser ao princípio aumentar a criação e por fim inibi-la totalmente.

Se trabalhássemos isto bioquimicamente, o supressor de dor menos prejudicial seria aquele que inibisse a criação de imagens mentais resultando o menos possível em “encortiçamento” ou estupidez e que fosse solúvel no corpo para que saísse rapidamente dos nervos e do sistema. Não existem neste momento tais preparados bioquímicos.

Estes testes e experiências tendem a provar que dores e desconforto vêm de figuras de imagem mental e que estas são criadas no momento.

O apagamento de uma figura de imagem mental pelo processamento standard de Dianética, remove a compulsão para a criar.

As drogas inibem quimicamente a criação, mas também inibem o apagamento. Quando a droga se desgastou, a imagem auditada uma vez que estava em vigor, pode voltar.

O tone arm do E-Metro, debaixo de drogas ou num caso de drogas pode subir muito alto, TA 4.0, TA 5.0. Também pode cair para “theta morto” (uma falsa leitura de claro).

Auditando uma pessoa sob o efeito de drogas podemos obter “apagamento” “F/N” com o TA a 4.0. Mas o apagamento é apenas aparente e tem que ser “reabilitado” (conferido ou refeito), quando a pessoa estiver sem droga.

Qualquer consumidor habitual de droga, pedindo audição enquanto ainda se encontra sob o seu efeito, é manejado conforme C/S Séries 48RE, NED Séries 9RC, MANEJAMENTO DE DROGAS, e HCOP 12 Nov. 81RC, CARTA DE GRAUS ALINHADA PARA OS GRAUS INFERIORES.

Um programa de manejamento de drogas é a primeiríssima acção que deve ser feita no caso. (Isto inclui o Purif. RD, Processos Objectivos, TRs 0-9 e o RD de Drogas de SCN. O manejo de drogas também inclui o percurso de engramas relacionado com a tomada de drogas, no RD de drogas do NED. Este passo é feito depois dos graus expandidos excepto quando o pc se mete em problemas devido a drogas não manejadas nos graus expandidos. Ref. C/S Séries 48RE, NED Séries 9RC, MANEJAMENTO DE DROGAS).

TRs e Processamento objectivo facilitarão os sintomas de abstinência do consumidor habitual de drogas. (Isto inclui o álcool). Mesmo que os passos do manejo de drogas estejam em progresso, não consideramos a droga eliminada antes de terem passado seis semanas.

A uma pessoa que tomou aspirina ou outras drogas nas últimas 24 horas ou na semana anterior, deve ser dada uma semana para as eliminar antes de ser dada mais audição.

Assists de audição podem e devem ser dados sempre que necessário mesmo que o pc tenha tomado drogas. O apagamento de alguma cadeia de engramas assim percorrida deve ser verificada depois da droga ter sido eliminada. (Isto pode acontecer até 6 semanas para certas drogas e medicamentos tais como anestésicos).

Nenhum álcool pode ser consumido dentro das 24 horas anteriores a uma sessão de audição e quando o consumo de álcool é excessivo o período de eliminação deve ser alargado a vários dias ou uma semana.



Não é fatal auditar por cima de drogas. É só difícil, os resultados podem não ser duráveis e precisam ser verificados depois.

Consumidores crónicos cujas drogas não foram especificamente manejadas, podem voltar a elas depois da audição pois eles também estavam drogados durante a audição para se livrarem do que os estava a incomodar e que os tinha levado para as drogas.

Com os inimigos de vários países a usar largamente o vício da droga como mecanismo de derrota, com analgésicos tão facilmente ao alcance e tão ineficazes, a droga é um problema sério de audição.

Ele pode ser manejado. Mas quando a aspirina, esse analgésico pseudo inofensivo, pode produzir estragos na audição se não detectada, o assunto requer cuidado e conhecimento.

Os dados acima manterão o auditor livre das rasteiras da sorte.

Para parafrasear um velho ditado, dantes tínhamos homens de aço em barcos de madeira. Agora temos uma sociedade de droga e cidadãos de madeira.

Estive estudando isto durante ano e meio e consegui descobri-lo.

As empresas de drogas deveriam ser aconselhadas a fazer melhor pesquisa.

E os auditores são aconselhados a perguntar a qualquer pc "Tens andado a tomar algumas drogas ou aspirina?"

No aspecto médico é um desejo compreensível para manejear a dor. Para o fazer, os médicos deviam fazer pressão por melhores drogas para não terem os tais efeitos secundários lamentáveis. A fórmula do menos nocivo está lá atrás.

L. RON HUBBARD

Fundador